

# Oração semanal

(5ª-feira, Oitava da Páscoa)  
Serra do Pilar, 20 abril 2017

- P.** Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;  
fica connosco (Lc 24,29), Aleluia, Aleluia!
- R.** E desça sobre nós a tua bênção, Aleluia, Aleluia !
- P.** Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!
- R.** Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

## Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos (2,36-41)

No dia de Pentecostes, disse Pedro aos judeus: *Saiba com absoluta certeza toda a Casa de Israel que Deus fez Senhor e Messias esse Jesus que vós crucificastes.* Ouvindo isto, sentiram todos os coração trespassado e perguntaram a Pedro e aos outros Apóstolos: *Que havemos de fazer, irmãos?* Pedro respondeu-lhes: *Convertei-vos e peça cada um de vós o Batismo em nome de Jesus Cristo, para vos serem perdoados os pecados. Recebereis então o dom do Espírito Santo, porque a promessa desse dom é para vós, para os vossos filhos e para quantos de longe ouvirem o apelo do Senhor, nosso Deus.* E com muitas outras palavras os persuadia e exortava, dizendo: *Salvai-vos desta geração perversa.* Os que aceitaram as palavras de Pedro receberam o Batismo e naquele dia juntaram-se aos discípulos cerca de três mil pessoas.

## Salmo 114 - Hino pascal

### Aleluia!

Quando Israel saiu do Egito,  
estava Jacob em terra estrangeira,  
Judá transformou-se no seu santuário  
e Israel no seu domínio.

À vista disso, o mar afastou-se  
e o rio Jordão voltou lá p'ra trás.

Os montes saltaram como carneiros  
e as colinas como cordeiros.

Que tens tu, ó mar, que foges assim?  
Que tens tu, ó Jordão, p'ra voltar para trás?  
Saltais, ó montes, como carneiros, porquê?  
E vós, colinas, como cordeiros?

Treme, ó terra, que vem o Senhor!,  
treme com o rosto do Deus de Jacob!  
Transforma as rochas em grandes lagoas  
e as pedras miúdas em nascente d'águas!

Glória ao Senhor, nosso Pai,  
e ao seu filho Jesus Cristo, o Senhor;  
Glória ao Espírito, nossa força,  
que nos dá sua Graça até ao fim!

## Deus ressuscitou-o!

"Porquê?" Também essa era a pergunta que fizeram os seguidores de Jesus. "Por que é que Deus teria abandonado aquele homem injustamente executado por ter defendido a sua causa?". Eles tinham-no visto dirigir-se para a morte numa atitude de obediência e de fidelidade total. Como é que Deus se pôde ter desentendido dele? Ainda tinham gravado no seu coração a recordação da última ceia. Puderam intuir nas suas palavras e nos seus gestos de despedida a grandeza da sua bondade e do seu amor. Como podia um homem destes terminar no *sheol*?

Iria Deus abandonar no "país da morte" aquele que, cheio do seu Espírito, infundira saúde e vida aos doentes e inválidos? Iria *Jesus* fazer para sempre no pó, como uma "sombra", no "país das trevas", ele que despertara tantas esperanças nas pessoas? Não estaria já a viver em comunhão com Deus aquele que tinha confiado totalmente na sua bondade de Pai? Quando e como se cumpriria aquele seu anseio de "beberem um vinho novo" juntos, na festa final do reino? Não passaria tudo isso de uma ingénua ilusão de Jesus?

Não há dúvida de que os entristecia a morte de um homem cuja bondade e grandeza do coração puderam conhecer de perto, mas..., tarde ou cedo, este é o destino de todos os humanos. O que mais os escandalizava era a sua morte tão brutal e injusta. Onde estaria Deus? Não iria ele reagir diante daquilo que *Ihe* tinham feito? Não era ele o defensor das vítimas inocentes? Ter-se-ia enganado *Jesus* ao proclamar a justiça a favor dos crucificados?

Nunca poderemos determinar o impacto que a execução de *Jesus* causou nos seus seguidores. Só sabemos que os discípulos fugiram para a Galileia. Porquê? Ter-se-ia desmoronado a sua adesão a *Jesus*? Teria desaparecido a sua fé quando *Jesus* morreu na cruz? Não terão fugido unicamente a fim de poderem salvar a sua vida? Nada se pode dizer ao certo. O único que se pode afirmar é que a rápida execução de *Jesus* os afundara, se não numa desesperança absoluta, pelo menos, numa crise radical. Provavelmente, mais que homens sem fé, eram agora discípulos desolados a fugirem do perigo, e perturbados por aquilo que tinha acontecido.

Entretanto, dali a pouco, aconteceria uma coisa difícil de explicar. Aqueles homens voltaram novamente a Jerusalém e juntaram-se em nome de *Jesus*, proclamando a todos que o profeta, justicado, havia poucos dias, pelas autoridades do templo e pelos representantes do Império, estava vivo. Que teria acontecido para que tivessem abandonado a segurança da Galileia e se apresentassem de novo em Jerusalém, um lugar altamente perigoso, onde depressa seriam detidos e perseguidos pelos dirigentes religiosos? Quem os teria arrancado da sua cobardia e perturbação? Por que falavam agora com tanta audácia e convicção? Porque voltariam a reunir-se em nome daquele que tinham abandonado ao vê-lo condenado à morte? Para isso, eles tinham somente uma resposta: "*Jesus* está vivo. Deus ressuscitou-o". Aquela convicção era unânime e indestrutível. Podemos verificá-la, pois ela aparece em todas as tradições e em todos os escritos que chegaram até nós. O que é que eles diziam?

De diversas maneiras e com linguagens diferentes, todos confessam o mesmo: "A morte não pôde com *Jesus*. O crucificado está vivo. Deus ressuscitou-o". Os seguidores de *Jesus* sabiam que estavam a falar de uma coisa que superava tudo o que era humano. Ninguém sabia exatamente, por experiência, o que acontecia na morte, e menos ainda o que podia acontecer a um morto se fosse ressuscitado por Deus depois da morte. Contudo, bem depressa conseguiram condensar em fórmulas singelas o mais

essencial da sua fé. Em fórmulas breves e muito sólidas que circulavam já entre os anos 35 e 40 pelos cristãos da primeira geração. Usavam-nas talvez para transmitirem a sua fé aos novos crentes, para proclamarem a sua alegria nas celebrações e, provavelmente, para reafirmarem a sua adesão a Cristo nos momentos de perseguição. O que eles professavam era isto: "Deus ressuscitou a Jesus de entre os mortos". Não ficara passivo diante da sua morte. Interviera para o arrancar do poder da morte. Expressavam a ideia da ressurreição com dois termos: "acordar" e "levantar". O que sugeriam essas duas metáforas era impressionante e grandioso. Deus tinha descido até ao próprio *sheol*, tinha-se adentrado no país da morte, onde tudo era escuridão, silêncio e solidão. Era lá que jaziam os mortos, cobertos de pó e adormecidos no sono da morte. De entre eles, Deus "tinha acordado" Jesus, o crucificado, tinha-o posto de pé, "levantando-o" para a vida.

Bem depressa surgiram outras fórmulas em que se professava que "Jesus morreu e ressuscitou". Já não se falava da intervenção de Deus. A atenção voltava-se agora para o próprio Jesus. Era ele quem tinha acordado e se tinha levantado da morte, mas, na realidade, tudo se devia a Deus. Se estava acordado, era porque Deus o tinha acordado; se estava de pé, era porque Deus o tinha levantado; se estava cheio de vida, era porque Deus lhe tinha infundido a sua. Na origem, estava sempre suposta a ação amorosa de Deus, seu Pai.

Em todas essas fórmulas, os cristãos falavam da "ressurreição" de Jesus. Mas, já nessa época, encontramos também cânticos e hinos litúrgicos em que se aclamava a Deus por ter exaltado e glorificado a Jesus como Senhor depois da morte. Neles não se falava de "ressurreição". Nesses hinos, nascidos do primeiro entusiasmo das comunidades cristãs, os crentes exprimiam-se através de outro esquema mental e outra linguagem: Deus "exaltou" a Jesus, "elevou-o à sua glória", "sentou-o à direita do seu trono" e "constituiu-o Senhor".

Essa linguagem é tão antiga como aquela que fala de "ressurreição". Para os primeiros cristãos, a exaltação de Jesus à glória do Pai não era uma coisa que acontecera depois da ressurreição; mas outra maneira de afirmar o que Deus fizera com o crucificado. "Ressuscitar" era já ser exaltado, isto é, ser introduzido na vida do mesmo Deus. "Ser exaltado" era ressuscitar, ser arrancado do poder da morte. As duas linguagens enriquecem-se e complementam-se mutuamente para sugerir a ação de Deus no morto Jesus.

A profissão de fé mais importante e significativa encontramos-na numa carta que Paulo de Tarso escreveu, por volta do ano 55/56, à Comunidade cristã de Corinto, uma cidade cosmopolita onde convivia, numa estranha mistura, diferentes religiões helênicas e orientais, com os seus diferentes templos levantados a Ísis, Sérapis, Zeus, Afrodite, Asclépio e Cibeles. Paulo animava-os a permanecerem fiéis ao evangelho que lhes tinha ensinado aquando da sua visita no ano 51: essa "Boa Notícia" era "o que vos estava a salvar". Essa "notícia" não era uma invenção de Paulo. Era uma doutrina que ele próprio tinha recebido, mas que agora estava a transmitir-lhes fielmente juntamente com outros pregadores de grande prestígio que viviam e anunciavam a mesma fé: "Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e depois aos Doze".

Nesta profissão de fé existe uma coisa que nos pode surpreender. Por que é que se diz que Jesus "ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras"? Estaria ele morto até que, por fim, Deus interveio ao terceiro dia? Teria alguém testemunhado esse momento

tão crucial? Por que é que os relatos evangélicos falam de aparições no "primeiro dia da semana", antes de ter chegado "o terceiro dia"? Na realidade, na linguagem bíblica, o "terceiro dia" significava o "dia decisivo". Depois de dias de sofrimento e tribulação, o "terceiro dia" trazia a salvação. Era sempre ao terceiro dia que Deus salvava e libertava. O terceiro dia pertencia a ele. Assim, podemos ler no profeta Oseias: "Vinde, voltemos para o Senhor; Ele feriu-nos, Ele nos curará; Ele fez a ferida, Ele fará o penso. Dar-nos-á de novo a vida em dois dias, ao terceiro dia nos levantará e viveremos na sua presença". Os diferentes comentários rabínicos interpretavam esse "terceiro dia", anunciado por Oseias, como "o dia da ressurreição dos mortos", "o dia das consolações no qual Deus faria reviver os mortos e os ressuscitaria". Os primeiros cristãos acreditavam que esse "terceiro dia" já tinha chegado para Jesus de uma forma definitiva. Ele já tinha entrado na salvação plena. Nós conhecemos ainda dias de prova e de sofrimento, mas, pela ressurreição de Jesus, já amanheceu "o terceiro dia".

Provavelmente, esta linguagem poderia ser compreendida em ambientes judeus, mas os missionários, que percorriam as cidades do Império, sentiam que a gente de cultura grega resistia à ideia de "ressurreição". Paulo pôde comprová-lo no Areópago de Atenas, quando começou a falar de Jesus ressuscitado. "Ao ouvirem falar da ressurreição dos mortos, uns começaram a troçar, enquanto outros disseram: 'Ouvir-temos falar sobre isso ainda outra vez'". Por isso, em alguns setores, encontraram outra linguagem que, sem distorcer a fé no ressuscitado, era mais apropriada e fácil de aceitar por gente de mentalidade grega. Lucas foi, talvez,

um dos que mais contribuiu para introduzir uma linguagem que apresentava o ressuscitado como "aquele que está vivo", "o vivente". Foi assim que foi comunicado às mulheres que tinham ido ao sepulcro: "Por que buscais o Vivente entre os mortos"? Anos mais tarde, o Apocalipse porá na boca do ressuscitado expressões de forte impacto, muito afastadas das primeiras fórmulas de fé: "Eu sou o Primeiro e o Último; aquele que vive. Estive morto; mas, como vês, estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da Morte e do Abismo!".

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 427-432)

## **Oração final**

Senhor, nosso Deus e Pai nosso!

Dá às tuas Comunidades e Assembleias  
que, de oito em oito dias,

desde aquele *Primeiro Dia da Semana*

- o primeiro *Oitavo Dia* do Tempo Novo -

até estes dias que são os nossos,

ininterruptamente testemunham a novidade da Ressurreição,

a coragem, o desassombro e a alegria do testemunho;

que, como os Apóstolos,

façamos o que dizemos,

digamos o que vimos e ouvimos

e transmitamos o que recebemos,

nós que nos alimentamos

no Partir do Pão em que te reconhecemos

e no Vinho Novo que nos alimenta,

Domingo a Domingo, Páscoa a Páscoa!

**Amém!**